

# ALIANÇA PARA O PROGRESSO, do Salão Leste para o Nordeste e seus reflexos na educação.

José Francisco Beserra Nunes<sup>1</sup> e Fernando Emílio Alves dos Santos<sup>2</sup>

## Resumo

Aliança para o Progresso foi um programa dos EUA nos anos 1960 para América Latina. Com objetivo de conter avanço do comunismo, que teve reflexo na educação no Nordeste. Foi feita pesquisa uma bibliográfica, de documentos e entrevista. E encontraram-se escolas do projeto feitas no Piauí.

**Palavras-chave:** Aliança para o Progresso, América Latina, Nordeste.

## Abstract

Alliance for Progress was one program of USA in 1960' for Latin America. With objective of control the advance communism, what had reflex in education in Northeast. It went made one bibliographic survey, of documents and interview. And build's school of plan went found in Piauí.

**Keywords:** Alliance for Progress, Latin America, Northeast.

---

<sup>1</sup> Graduado em Licenciatura Plena em História pela UESPI, com especialização em Ensino em História pela UESPI; graduado em Odontologia pela UNIVALE, com especialização em PSF, pela UFPI.

<sup>2</sup> Graduado em Licenciatura Plena em História pela UESPI.

## Introdução

Ao analisarmos os acontecimentos de cinquenta anos atrás a respeito do golpe civil-militar. Que foi organizado e executado pelos setores conservadores e reacionários da sociedade brasileira e a com ajuda externa do grande irmão do norte, os EUA. Para isso utilizamos uma **metodologia** complexa. Onde foi realizada uma Pesquisa bibliográfica extensa com vários autores, com destaque para Marylu de Oliveira, *Contra e foice e o martelo: considerações sobre o discurso anticomunista piauiense no período de 1959-1969: uma análise a partir do jornal "O Dia"*, (2007) e *A cruzada antivermelha – democracia, deus e terra contra a força comunista: representações, aparições e práticas anticomunistas no Piauí da década de 1960*, (2008); Carlos Fico em *O grande de irmão: da Operação Brother Sam aos anos de chumbo. O governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira*, (2008) e *O golpe de 64: momentos decisivo*, (2014); Jorge Ferreira no livro *João Goulart: uma biografia*, (2011) e na obra em conjunto com Ângela de Castro *1964: O golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil* (2014); o professor Iweltman Mendes na *História da educação piauiense*, (2012); o cientista político Ricardo Allagio Ribeiro em sua tese de doutorado *Aliança para o Progresso e as relações Brasil-Estados Unidos* (2006); o pensador estadunidense Noam Chomsky em: *O que o Tio Sam realmente quer* (1999); o educador Paulo Freire na obra *Aprendendo com a própria história*, (2010) e Maria Luiza de Alcântara Krafzik na dissertação de mestrado *Acordo MEC/USAID – A Comissão do livro técnico e livro didático – COLTED (1966-1971)*, (2006).

Está no senso comum que todo o processo se realizou somente, nas principais cidades do centro-sul do Brasil.

Como se não houvesse os sujeitos históricos piauienses, bem ativos e articulados naquele período da história. Isso fica bem evidenciado nos trabalhos de Marylu de Oliveira (2007 – 2008), que trabalha o anticomunismo no Piauí no final dos anos 1950 e primeira metade dos anos 1960, onde as elites conservadoras do Piauí estão alinhamento com o pensamento reacionário das elites brasileiras daquele recorte histórico. E hoje é observado que há uma tentativa de enaltecimento por parte das elites locais a respeito das construções de escolas realizadas pela Aliança para o Progresso. E vemos história e a memória, estampados em placas da Aliança para o Progresso daquele momento histórico, tão comentada por Celso Furtado nos anos do projeto. E este, foi o fulcro para o desenvolvimento dessa pesquisa sobre a Guerra Fria envolvendo o Piauí e seus cidadãos. O trabalho foca o projeto desenvolvimentista Aliança para o Progresso, e sendo este, “o mais ambicioso programa de ajuda externa já planejado (para a América Latina), mas certamente não o mais bem sucedido” (RIBEIRO, 2006, p.21). A Aliança para o Progresso foi concebida como uma estratégia de contra o avanço do socialismo, começava a ganhar corpo na América Latina, após a vitória dos revolucionários cubanos e a Casa Branca temia que este processo começasse a espalhar por todo continente.

Baseados nas ideias keynesianas de Rostow, economista do MIT, o projeto Aliança para o Progresso tinha como objetivo inicial fomentar o desenvolvimento econômico e social na América Latina, partindo de pressupostos estruturalistas em que as sociedades seguem em uma sequência linear na construção de economias sólidas e bem estar social. Contudo, no caso brasileiro, a Aliança para o Progresso na prática contribuiu

para a derrubada do presidente brasileiro João Goulart, e suas ações na área de Educação tiveram seu ápice nos acordos MEC/USAID, onde o currículo escolar brasileiro passou pelo crivo do Departamento de Estado dos EUA. Isso reforça o pensamento de Chomsky (1999), que dizia: Os estrategistas norte-americanos (...) ligados ao Departamento de Estado (...) concordaram que o domínio dos Estados Unidos tinha de ser mantido. Principalmente em sua área de influência, neste caso o Brasil por ser um país estratégico e em especial o nordeste brasileiro. Devido às preocupações norte-americanas com as Ligas Camponesas. Que eram uma organização de camponeses que reivindicavam a Reforma Agrária, que possuía o lema “Reforma Agrária na Lei ou na marra” e estavam espalhadas pelo o Nordeste e inclusive no Piauí. E suas atividades constantemente passava nos noticiários das grandes emissoras<sup>1</sup> de televisão dos EUA, como também, em sua imprensa escrita, com destaque para a cobertura do *The New York Times*. E segundo as fontes de Marylu Oliveira (2008) houve um congresso em 1961 com apoio do governador do Piauí, o parnaibano Chagas Rodrigues.

Devido à política nacionalista de João Goulart houve uma avaliação negativa por Washington, que dificultou a implantação do programa no Brasil. Fazendo que a embaixada norte-americana no Brasil opta-se pelas chamadas “ilhas de sanidades” administrativas<sup>2</sup>. Onde “os acordos de financia-

mentos foram firmados diretamente com governos estaduais e prefeitos municipais escolhidos” (TAVARES, 2014 p.148) pela embaixada dos EUA. Ao mesmo tempo, que trabalhou pela desestabilização do governo Goulart. Isso fica bem evidenciado no livro de Carlos Fico *O golpe, 1964* (2014), onde temos gravado em uma reunião no Salão Oval com o presidente Kennedy, o embaixador Lincoln Gordon e com Richard Goodwin, secretário assistente de Estado para assuntos Interamericanos.

*Gordon – (...) É preciso deixar bem claro porém com discrição, que nós não somos necessariamente hostis a qualquer tipo de ação militar, contanto que fique claro o motivo ...*

*Kennedy – Contra a esquerda.*

*Gordon - Ele (Goulart) está entregando o maldito país aos ...*

*Kennedy- Aos comunistas.* (FICO, 2014 p. 75)

Foi nesse cenário que a Aliança para o Progresso entra no Brasil, com objetivos específicos de minar Goulart. E olhando por este ângulo, observa-se o governador do Piauí, Chagas Rodrigues também pertencia ao PTB<sup>3</sup>, o mesmo partido de Jango. E o avanço da Aliança no Piauí deu-se quando os dois quadros não estavam mais nos governos estadual e federal. Sendo o último deposto por forças militares, com apoio de setores conservadores da sociedade civil e a mão invisível dos Estados Unidos da América.

Sem o projeto Aliança para o Progresso, não compreenderemos perfeita-

<sup>1</sup> TAVARES, 2014. As agências internacionais de notícias transcrevem as “informações” ...jornais e televisões norte-americanos que andam no Brasil (principalmente pelo nordeste) em busca de pistas ... o perigo comunista. p. 82.

<sup>2</sup> FICO, 2014. Iniciativa irregular de o governo dos Estados Unidos repassar recursos diretamente aos estados brasileiros sem intermediação do governo federal, p.32.

<sup>3</sup> FERREIRA; CASTRO, 2014. PTB vinha crescendo muito nas cidades e começava a se interiorizar com mais força (...) abraçava o nacionalismo, o trabalhismo, o reformismo, (...) as reformas de base (...) o movimento sindical urbano e rural. p.57.

mente as ações da Casa Branca nos eventos de março-abril de 1964, e todo o legado que este projeto deixou no Brasil e em especial na região norte do Piauí, onde foram construídas diversas escolas de ensino básico, inclusive o prédio da Escola Normal de Parnaíba. Sendo esta a responsável pela formação de professores para o ensino fundamental nos primeiros anos e obedecendo a um currículo vinculado aos valores estadunidense na formação dos alunos. Isto poderá ser observado com os acordos<sup>4</sup> feitos pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC) e a USAID, que contribuíram para a reforma de todo ensino brasileiro. Um dos frutos deste acordo foi a Comissão do Livro Técnico e Didático (COLTED)<sup>5</sup>, para a produção e distribuição dos livros didáticos utilizados nas escolas públicas no Brasil nos governos Castelo Branco, Costa e Silva e Médici. Isto é, a dominação ideológica chegando ao nível da matriz curricular de ensino e reproduzida através do livro didático.

### Desenvolvimento

Este trabalho visa observar como foi a atuação do Departamento de Estado

dos EUA, através da agência USAID<sup>6</sup> (U.S. Agency for International Development), no programa de ajuda econômica e social para a América Latina chamado Aliança para o Progresso. Que foi idealizado pelo presidente Kennedy, antes mesmo de sua eleição. Sendo um programa baseado nas ideias Rostow e de outros economistas do MIT (Massachusetts Institute of Technology). O programa Aliança para o Progresso foi moldado, em grande parte, pelo medo que os movimentos de esquerda pudessem capturar, em seu favor, as aspirações de mudança em qualquer área da América Latina. E foi com o objetivo de conter o avanço do comunismo que o projeto de Rostow saiu das pranchetas do MIT e ganhou vida na administração Kennedy. A novidade do programa foi “o fato de esperar que o desenvolvimento econômico e as reformas sociais, nunca antes propostas pelo governo americano na América Latina, criassem uma estabilidade política” (RIBEIRO, 2006, p.18) na região.

O mentor intelectual do programa de ajuda econômica dos Estados Unidos foi Walt Rostow, economista norte-americano. Que afirmava que os países do terceiro mundo do pós-guerra necessitariam de grandes investimentos industriais e de infraestrutura, com planejamento pré-definido. Com grande intervenção do Estado no processo produtivo, esta tese ficou conhecida como Teoria da Modernização<sup>7</sup>. Antes mesmo da elaboração do projeto de ajuda eco-

<sup>4</sup> NUNES, 2016. Estes acordos foram denunciados pelo Dep. Marcio Moreira Alves que escreveu um dossiê sobre os acordos assinados entre o governo brasileiro e dos EUA, através do MEC e USAID. Estes documentos ficaram com a tarja “top secret” por mais de um ano e mostravam que o centro de decisão do MEC havia se deslocado para embaixada norte-americana, p.68.

<sup>5</sup> NUNES, 2016. Estes acordos firmados na área de educação, com enorme presença dos EUA e sua ideologia, que tiveram enormes impactos curriculares na formação dos estudantes brasileiros, na segunda metade dos anos 1960. Seu ápice, indubitavelmente, se configura na uniformização dos Livros Didáticos, dando origem COLTED. p. 68.

<sup>6</sup> RIBEIRO, 2006. USAID, vinculada ao Departamento de Estado, a qual veio dirigir toda a ajuda externa americana. p.18.

<sup>7</sup> RIBEIRO, 2006. “Teoria da Modernização” - acreditava, de forma não-problemática, que o Terceiro Mundo iria experimentar a mesma sequência de crescimento econômico, estabilidade social e democratização, pela qual haviam passado as sociedades do ocidente industrializado, tornando-se, por sua vez, modernas. p. 54.

nômica dos EUA. O Brasil já seguia um modelo parecido chamado de nacional estatismo, fundado por Vargas e o desenvolvimentismo dependente, associado aos capitais internacionais de “Juscelino Kubitschek, que minaram mas (...) não chegou a destruir as bases constituídas pela tradição nacional-estatista”. (REIS, 2000, p.17). Estamos evidenciando uma época de caráter estruturalista em que a escola de economia keynesiana desenvolvimentista estava no topo da academia norte-americana. E em relação ao Terceiro Mundo eles presumiram que estas sociedades estariam destinadas a passar pelas mesmas transformações pelas quais passaram as sociedades do ocidente industrializado (REIS, 2000 p.19).

Segundo Chomsky (1999), Washington na Guerra Fria desenvolveu o conceito de Segurança Nacional, que determinou a política norte-americana do pós-guerra. A Casa Branca sabia muito bem que os Estados Unidos saíam da Segunda Guerra Mundial (1939 -1945) como a primeira potência global. E já planejavam cuidadosamente como moldar o mundo após a guerra. Os EUA achavam que o Brasil dos anos 1950 e 1960 estava susceptível as influências das esquerdas. E que o alinhamento automático com o “mundo livre” seria mais vantajoso para o Brasil. Porém, quando a proposta da Aliança para o Progresso foi lançada, ela teve uma recepção não muito amistosa tanto pelos governos de Jânio Quadros, como o de Goulart que o sucedeu na presidência. “À esquerda e os grupos nacionalistas nunca aceitaram ou apoiaram o programa.” (RIBEIRO, 2006 p.20).

A Casa Branca não sabia distinguir o comunismo do nacionalismo no cenário latino americano, por isso não levou em conta os possíveis “gaps” entre a teoria e a realidade. Então o programa Alian-

ça para o Progresso, surgido da Teoria da Modernização era um programa de ajuda financeira, entretanto “tinha uma moldura ideológica que a comprometeu. Seu principal objetivo era o combate ao comunismo e isso despertou a desconfiança dos países latino-americanos.” (FICO, 2014 p.27). Somando-se a isso a ameaça do nacionalismo do Terceiro Mundo “que atendem às ‘exigências populares de elevação dos baixos padrões de vida das massas’ e produção de bens que satisfação às suas necessidades básicas” (CHOMSKY, 1999 p.24). Este quadro é mais nítido no Brasil, Argentina e México.

Então a Aliança para o Progresso foi uma política de contra insurgência para conter os nacionalismos e o avanço do comunismo na América Latina. E seguindo esta linha de raciocínio, é observado na obra de Chomsky “*Assim pensa o Tio Sam*” (1999), Carlos Fico “*O golpe de 1964*” (2014) e Lowenthal (1990). Havendo um ponto de intersecção interessante no que se refere à política externa dos EUA. Em Chomsky há o seguinte relato:

As metas básicas dos estrategistas (...) eram evitar que os ultranacionalistas tomassem o poder, se por um golpe de sorte eles chegassem ao poder, retirá-los e instalar ali governos que favorecessem os investimentos privados do capital interno e externo, a produção para exportação e o direito de remessa de lucros para fora do país. (CHOMSKY, 1999 p.25)

No livro de Carlos Fico tem o trecho:

*Os Estados Unidos buscariam apoiar economicamente a América Latina tendo em vista a diminuição da pobreza (vistas como causa das aspirações socialistas) e a melhoria de sua imagem, mas não admitiriam uma implantação de “outra Cuba”, mesmo que fosse preciso adotar ações unilaterais e inva-*

sões. *O fortalecimento de governos militares na região também seria visto como admissível e desejável. Tendo em vista o combate ao comunismo.* (FICO, 2014, p.26)

Na obra de Ricardo Alaggio Ribeiro (2006) vemos a citação de Lowenthal (1990).

As relações interamericanas eram explicadas em termos de um conflito básico entre o propósito americano de dominar a região e a luta da América Latina de manter sua soberania política e econômica. A Aliança seria o mais sofisticado instrumento construído pelo imperialismo para a região e sua retórica e mesmo seu reformismo, apenas escondiam os objetivos básicos de expansão do capital e do avanço da dominação imperialista. (LOWENTHAL, 1990, p. 223).

Neste caso, fica bem evidente que a proposta de ajuda norte-americana, nada mais é que uma forma de ampliar e ratificar seu raio de ação dentro do continente americano. Principalmente após a tomada do poder em Cuba<sup>8</sup>, por Fidel, Che e seus companheiros. A ilha era ao mesmo tempo um protetorado Político dos EUA, um braço da máfia norte-americana, um bordel de luxo dos ianques, e um “lava jato” das empresas do *Tio Sam*. Que passou paulatinamente a dar as costas para o “grande irmão” após a Revolução Cubana. E somando-se a este fato, no final década de 1950 houve uma desastrosa visita de Richard Nixon<sup>9</sup> na América do Sul, mostrando

como o antiamericanismo era evidente nas nações abaixo do rio Grande. Isto é, “a imagem dos Estados Unidos era simplesmente péssima” (FICO, 2008, p.23)

### **América Latina, Brasil, Nordeste e a aliança para o Progresso:**

Após a Revolução Cubana a América Latina como um todo passou a ter maior atenção do grande público estadunidense. Com várias matérias publicadas pela imprensa norte-americana.

A imprensa americana dava grande destaque aos problemas sociais e econômicos do Nordeste brasileiro e alertava quanto à agitação social que ali se verificava. Kennedy e seus consultores já conheciam o problema e aos poucos se formou, posteriormente, a concepção de que aquela era uma área crítica, onde os esforços da Aliança deveriam ser concentrados. (RIBEIRO, 2006, p.80).

Os primeiros artigos sobre a região nordestina foram obra de Tad Szulc, um correspondente no jornal norte-americano *The New York Times*. Alertando a opinião pública dos EUA, que militantes marxistas estavam tirando vantagem da miséria dos sertanejos com o objetivo de criar um ambiente propício à inserção comunista na região.

Com destaque a formação das Ligas Camponesas, cujo lema era “*Reforma Agrária*”<sup>10</sup> na lei ou na marra”, sob a liderança de Francisco Julião<sup>11</sup>, um advo-

<sup>8</sup> FICO, 2008. Não foi o triunfo de Fidel Castro contra o regime de Batista, em 1959, que levou à maior modificação adotada pelos Estados Unidos em relação à América Latina, mas, sim a implantação do regime socialista em Cuba, que se formalizou em 1961. p. 23.

<sup>9</sup> FICO, 2014. Em 1958, o vice-presidente Richard Nixon fez uma visita a países latino-americanos e foi muito mal recebido. p.26.

<sup>10</sup> FERREIRA- GOMES, 2014. A reforma agrária é (...) um tema central para compreensão do governo Goulart e do golpe civil e militar que o destituiu da presidência da República. p.94.

<sup>11</sup> TAVARES, 2014. A imprensa dos EUA apresentava Francisco Julião como “um novo Fidel Castro” (...) revistas e a TV norte-americanos enviavam

gado com inclinações marxistas. Que catalisava milhares nordestinos movidos pela própria sorte. A questão agrária era considerado por Washington e pelas autoridades brasileiras uma questão a ser resolvida. Entretanto “as lideranças no Nordeste não pareciam interessadas em reformas sociais” (FICO, 2008 p.45). E, de acordo com Ricardo Allagio Ribeiro na obra *Aliança para o Progresso e as relações Brasil-Estados Unidos* (2006). O nordeste tinha e tem uma elite conservadora politicamente forte e tradicionalmente opressora, que taxava todos os seus críticos como comunistas. Isso vai de encontro aos estudos da historiadora piauiense Marylu de Oliveira (2007 – 2008). A autora faz um belo estudo sobre o anticomunismo imposto pelas classes dominantes no Piauí nas décadas de 1950 e 1960.

Neste período o Piauí também entrou na rota do planejamento da guerrilha rural, na estratégia do foco. Baseadas nas ideias revolucionárias de Che Guevara nos livros *Apuntes de la guerra revolucionaria cubana* e *A guerra das guerrilhas*. Que discordava de Marx no seguinte quesito: o ponto de partida da Revolução “não estava nas cidades e zonas industrializadas, mas nas áreas rurais, onde pequenos grupos de rebeldes armados poderiam atingir o máximo de resultados” (KELLY, 2013, p.313). Foi nesta ótica que foram encontrados documentos em Dianópolis, no estado de Goiás. Envolvendo as Ligas Camponesas, com indícios que estaria atuando como organização revolucionária. Tendo a frente Francisco Julião, responsável pelo setor de Organização das Massas e Clodomir de Moraes pela estrutura militar, que desenvolvia planos “para implantar diversas bases guerrilheiras

em vários pontos do Brasil, na divisa do Piauí com a Bahia; Sul da Bahia” (FERREIRA – GOMES, 2014, p.132). E segundo os autores Jorge Ferreira e Ângela de Castro (2014), o plano era desencadear a guerrilha no nordeste. Por este ângulo é possível entender como as obras da Aliança para o Progresso apareceram em locais tão pequenos como Murici dos Portelas, Cocal, e Palmeiras, portanto sendo, um contra ponto as organizações armadas de esquerda no campo.

Na obra de Marylu Oliveira (2008) vemos a aproximação do governador do Piauí, o parnaibano Chagas Rodrigues com os movimentos populares, com destaque para as Ligas Camponesas. E foi sendo tachado de comunista pela imprensa local. Podemos observar neste trecho do livro *Contra a foice e o martelo* (2008) da autora piauiense:

O governador do Piauí Sr. Francisco das Chagas Caldas Rodrigues está entrosado nesse plano [‘Um plano esquerdista de subversão da ordem política e social’]; - consciente e inconsciente, - certo é que anda metido nessa agitação socialista, toda em atividade para de qualquer maneira, transplantar o comunismo cubano para o Brasil. Pelo menos com regime de República, - contra a as tradições liberais e políticas do povo brasileiro (OLIVEIRA, 2008, p.84).

Historicamente, o estado do “Piauí, desde a colonização, possuiu uma elite detentora da maior parte das propriedades rurais. Em tempos mais recentes, esses latifundiários se agregavam em um ou outro partido político” (OLIVEIRA, 2008, p.81). Formando as práticas do coronelismo<sup>12</sup>, por parte de uma elite

repórteres (...) ao Nordeste do Brasil (...) revistas semanais como a *Time* e *Newsweek*. p.136 .

<sup>12</sup> DELGADO – FERREIRA, 2014. O coronelismo demarca uma mudança qualitativa na tradicional dominação do poder privado (...) o coronelismo

agrária que vivia nas principais cidades como a capital Teresina e a litorânea Parnaíba. Que já possuía um forte discurso anticomunista, a qual tem origem no Estado Novo e se aprofundou nos tempos da Guerra Fria, e disseminou-se pelos veículos de comunicação da época como o jornal impresso e o rádio. Que geralmente eram de propriedades das classes dominantes.

Entretanto o governador Chagas Rodrigues contrariava os interesses das camadas oligarcas piauienses. Realizando o primeiro congresso das Ligas Camponesas no Piauí. Causando um mal estar na classe patricia local. Registrado no trecho abaixo, retirado do jornal *O Estado do Piauí*<sup>13</sup>.

Um congresso sindical de trabalhadores e camponeses realizado em fins de abril deste ano, no Piauí, constitui, no Estado, as Ligas Camponesas, que já estão confortavelmente instaladas no próprio Palácio do Governo. O senhor Chagas Rodrigues, governador do Estado, é o patrocinador das Ligas Piauienses, que por causa disso, estão em melhores condições de que todas as ramificações da instituição espalhadas no Nordeste, embora não contem com a popularidade das Ligas de Pernambuco. (OLIVEIRA, 2008, p.81)

Foi neste ambiente que a Aliança para o Progresso chegou ao Brasil, mesmo antes de seu lançamento oficial na Casa Branca, ainda durante o governo de Jânio Quadros. Em fevereiro de 1961, “George McGovern”<sup>14</sup> (...) Richard Go-

odwin<sup>15</sup> visitaram a SUDENE, então dirigida por Celso Furtado, para conhecer o nordeste, que preocupava por conta das reportagens que exageravam no significado das Ligas Camponesas” (FICO, 2008 p.28).

O Presidente J.F. Kennedy jogou suas fichas no tabuleiro político da Guerra Fria, fazendo “o lançamento da Aliança para o Progresso, em 13 março de 1961 (...) no Salão Leste, da Casa Branca, usado para grandes reuniões” (FICO, 2008 p.27). Logo a abaixo um está exposto um trecho do discurso de J.F.K.

(...) se formos bem-sucedidos, se nosso empenho for arrojado o suficiente e determinado o suficiente, então o final desta década será marcado pelo início de uma nova era na experiência americana. Os padrões de vida da cada família americana estarão no auge, e a educação básica estará disponível para todos, a fome será uma experiência esquecida, a necessidade de ajuda externa maciça terá passado, muitas nações terão entrado em um período de crescimento autossustentável e mesmo que ainda haja muito a fazer cada república americana será a mestra de sua própria revolução. (FICO - 2014, 27)

A Aliança para o Progresso possuía um teor ideológico que a comprometeu. Principalmente depois da invasão da baía dos Porcos<sup>16</sup>. Isso mostrava que o discurso e a retórica eram completamente divergentes. Gerando desconfianças de diversos grupos políticos na América Latina. Foi neste sentido que

tem uma identidade específica, constitui um sistema político. p. 96.

<sup>13</sup> CABRAL, Sérgio. Liga do Piauí têm apoio do governo e da igreja. *Estado do Piauí*. Teresina, 26 out. 1961, 353, p. 06. Retirado do livro da Marylu de Oliveira *A Cruzada antivermelha – Democracia, Deus, e Terra contra a força comunista*.

<sup>14</sup> FICO, 2014. Seria o diretor do programa “Comida para a Paz”. p. 28

<sup>15</sup> FICO, 2014. Futuro secretário assistente do Estado para Assuntos Interamericanos. p. 28.

<sup>16</sup> HOBBSBAWM, 1995. 1960, muito antes de Fidel descobrir que Cuba ia ser socialista (...) os EUA já haviam decidido tratá-lo como tal, e a CIA foi autorizada a providenciar sua derrubada (...) em 1961, tentaram uma invasão de exilados na baía dos Porcos. p. 427.



Washington convoca para Punta del Este, Uruguai, uma reunião da OEA (Organização dos Estados Americanos), para detalhar os planos da Aliança e conter as arestas ideológicas nacionalistas dos países latinos americanos e isolar Cuba.

No encontro de Punta del Este, ocorre diversos atritos entre as representações norte-americanas e cubanas, esta sendo chefiada por Ernesto Che Guevara<sup>17</sup>. Este se absteve de assinar a Carta de resoluções da assembleia. Mas fez uma declaração emblemática no final do encontro “esta Aliança é um esforço para se achar uma solução dentro dos limites do imperialismo econômico. Nestas circunstâncias, estamos convencidos que a Aliança para o Progresso será um fracasso” (RIBEIRO, 2006, p.85). Mais tarde em uma conversa em *off* com Conselheiro Assistente Especial dos EUA, Richard Goodwin. Conversa que foi relatada por Roberto Campos, economista e um dos representantes brasileiros no encontro. Che Guevara fala com franqueza sobre os problemas da economia cubana e faz um diagnóstico cirúrgico sobre o futuro da Aliança para o Progresso. Dizendo que o projeto estava “condenado ao fracasso, pois Kennedy não deveria confiar que governos das classes privilegiadas agissem contra seus próprios interesses” (RIBEIRO, 2006, p.127).

As relações internacionais daquele momento refletiam num forte discurso anticomunista nas classes dominantes do Brasil. Estando impresso nas grandes capitais do centro sul do Brasil, como Rio de Janeiro e São Paulo em jornais como *O Globo*, *A Tribuna da Imprensa*, *O Estado de São Paulo*. Como também, em

Teresina a capital do estado do Piauí, com destaque para a fala escrita do professor Simplício Mendes do jornal *O Dia*, observando nos estudos de Marylu Oliveira (2007 – 2008).

Quando foi lançada a Aliança para o Progresso, o Brasil era governado por Jânio Quadros, eleito pela direita brasileira, mas tinha uma postura política externa independente<sup>18</sup> em relação à Casa Branca. Tal postura fez, que Carlos Lacerda, líder da UDN<sup>19</sup> falasse que “Jânio era a UDN de porre”. Sua gestão foi marcada por diversas contradições que acabou levando ao isolamento de seu governo, perante o Congresso Nacional e num gesto translocado ou uma tentativa de golpe, acabou renunciando. Jogando o país numa gravíssima crise político institucional. Pois seu vice, João Goulart em viagem a URSS e China não era bem visto por setores direitistas da sociedade civil e militar. Estes, eram representados por políticos de direita, a maior parte da grande imprensa, lati-

<sup>17</sup> HOBBSAWM, 1995. Che Guevara, o médico argentino altamente talentoso como líder guerrilheiro. p. 426.

<sup>18</sup> FERREIRA; CASTRO, 2014. A Política Externa Independente do Brasil, no contexto internacional (...) dominado pela Guerra Fria (...) governo brasileiro assumiu a posição de não mais se alinhar automaticamente aos Estados Unidos (...). O Itamaraty dedicou especial atenção às relações com os novos países africanos e nações comunistas do leste europeu, à União Soviética, à China e a Cuba (...) recusando apoio aos Estados Unidos para a expulsão de Cuba da Organização dos Estados Americanos (OEA) (...) condecorou com a Ordem do Cruzeiro do Sul (...) o líder revolucionário Che Guevara. p.22.

<sup>19</sup> FERREIRA; CASTRO, 2014. UDN (...) um partido antigetulista e antitrabalhista. Ferozmente anticomunista, os udenistas eram liberais e privatistas no plano econômico, defendendo a abertura do país ao capital estrangeiro e eram contra as reformas sociais, consideradas comunizantes (...) opunham-se aos movimentos sociais, em especial às organizações de trabalhadores urbanos e rurais (...) vinha crescendo nas classes médias urbanas. p, 59.

fundiários, grandes empresários nacionais, setor militar de alta patente com inclinações anticomunistas e representantes de grandes corporações de empresas estrangeiras instaladas no Brasil.

Portanto, a Aliança para o Progresso chega ao Brasil no meio de contradições internas e externas, o qual o programa não consegue se adequar. “A política para a América Latina emerge de uma interação entre os muitos atores que tomam parte no jogo político (...) e, cada ator tem diferentes pesos e seu poder depende de várias considerações” (RIBEIRO, 2006, p. 92). Para JFK, “o Brasil, e mais especificamente, o Nordeste brasileiro, eram pedões especiais na batalha pelo continente (e ...) a Aliança, era uma daquelas coisas pelas quais ele estava disposto a ‘pagar qualquer preço’” (RIBEIRO, 2006, p.117). Assim, o Nordeste foi a principal região a ser assistida nos primeiros anos do programa. E Kennedy e seus consultores já conheciam o problema daquela era uma área, onde os recursos do projeto deveriam ser concentrados.

Contudo com a subida de Goulart ao poder, houve um aumento do nacionalismo de esquerda. Que convenceram, ou melhor, reafirmaram o anticomunismo da embaixada dos EUA. E o programa norte-americano no Nordeste teria que responder à crise que se avolumava. Mas para isso, havia a necessidade da Aliança para o Progresso-USAID compor com a SUDENE, um órgão com caráter ministerial. Que era presidida por Celso Furtado, e tinha várias divergências com o programa de ajuda norte-americano. Podendo constatar na nota abaixo:

Surpreendeu-me que os membros da missão (...), que certamente haviam sido amplamente assessorados por agentes da CIA, nãocompreendessem quão con-

traproducente seria encher o Nordeste de tabuletas da Aliança para o Progresso, alardeando pequenas obras de fachada (...). As autoridades norte-americanas se consideravam no direito de contrapor-se e sobrepor-se às autoridades brasileiras (...) para alcançar seu objetivo de “deter a subversão no hemisfério”. (FICO – 2008, p.29).

No trabalho de Nunes (2016) foram identificadas várias escolas construídas no Piauí, com o projeto estadunidense. O governador Petrônio Portela Nunes (1963 – 1966), o último eleito diretamente antes do ciclo militar. Viajou aos Estados Unidos da América, onde apresentou “um projeto de Melhoria do Sistema de Educação Primária e Básica de Estado do Piauí” (MENDES, 2012, p.218), e firmou um acordo com os EUA que, segundo Iweltman Mendes, possibilitou a construção de 1.230 salas de aulas; os prédios das escolas normais de Parnaíba e Floriano<sup>20</sup>; e a aquisição de livros e material didático<sup>21</sup>. Essas negociações ocorreram antes de março de 1964, através do Departamento de Estado dos EUA, via USAID e o embaixador Lincoln Gordon, que sempre preferiu negociar com unidades da federação que faziam oposição a Goulart. Com este fora do caminho, a USAID pactua diretamente com o governo brasileiro, contudo, sem descuidar dos estados. No Piauí a negociação teve a frente o governador Petrônio Portela, que já estava pactuado com o governo norte-americano desde a sua eleição através do acordo SUDE-

<sup>20</sup> MENDES, 2012. Ampliação da Escola Normal de Teresina; os Centros de Supervisão de Teresina, Picos, São Raimundo Nonato, Parnaíba e Floriano; ampliação e transformação da Escola Normal de Teresina em Instituto de Educação “Antonino Freire” (...) equipar 500 cantinas para o fornecimento de merenda escolar, p. 219.

<sup>21</sup> MENDES, 2012. Plano Trienal de Educação. p. 218.

NE/MEC/USAID – firmado em maio de 1963. Portanto o estado do Piauí estava dentro do raio de ação de prioridades da Aliança.

### **A Aliança para o Progresso e Paulo Freire.**

O professor Paulo Freire, com graduação em pedagogia e sociologia. Desenvolveu seu método revolucionário de alfabetização de adultos em quarenta horas na Universidade Federal, no campus de Recife. Chamando a atenção da USAID que o chamou para “um projeto piloto (...) no município de Angicos (RN), terra natal de Aloísio Alves” (RIBEIRO, 2006, p.205). O Rio Grande do Norte era uma das ilhas de sanidade do embaixador dos EUA, Lincoln Gordon. Segundo Flávio Tavares (2014) o governador Aluísio Alves soube das reclamações de seus pares e abriu os olhos da embaixada dos EUA sobre o tal professor Paulo Freire: “*é uma criação dos comunistas para politizar os analfabetos*”. E o programa é desativado pela Aliança para o Progresso, alegando falta de verba para o projeto.

Logo abaixo temos parte de uma entrevista dada pelo professor Paulo Freire, em 1987, concedida ao jornalista Sérgio Guimarães, que virou a obra *Aprendendo com a própria história* (2010), em que ele narra a sua experiência relacionada ao projeto Aliança para o Progresso em Angicos:

Paulo Freire - A Aliança para o Progresso tinha uma sede no Recife (...) ferindo determinados dispositivos constitucionais brasileiros, faziam convênios diretamente com os governos de Estado. Em vez de fazê-los com o governo federal. (...) tinha uma estratégia de enfraquecimento da força do governo federal naquela época. Darcy Ribeiro, então

ministro da Educação do governo Goulart, pediu-me que assumisse um posto (...) que representasse o governo federal, através do Ministério da Educação, junto à Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) (...) Deveria discutir com o pessoal técnico da SUDENE e com os técnicos americanos da USAID a aprovação de projetos que a USAID tinha para o Nordeste. (...) no Rio Grande do Norte com o método (...). Manifestei a minha convicção – e fui quase profético -, de que a Aliança para o Progresso que iria financiar, como financiou, a campanha de Angicos, certamente iria estudar o que se desenvolvesse em Angicos, e colocaria um ponto final em tudo. Caso acontecesse isso, se a Aliança recuasse, eu disse que deveríamos ir à praça pública para mostrar concretamente as intenções colonialistas e imperialistas da Aliança para o Progresso (...). A experiência de Angicos foi encerrada com a presença do presidente João Goulart. (FREIRE – GUIMARÃES, 2010, 39)

### **Considerações finais**

No Piauí de hoje encontramos diversos prédios feitos com recursos daquele projeto, espalhados pelo estado. Funcionando como testemunho mudo de um passado esquecido, e quase apagado das memórias dos moradores. Mas enfatizado pelos donos do poder, como obras marcantes, sendo necessárias para o desenvolvimento da região. Neste aspecto, observa-se no texto abaixo, a disputa pela memória nos discursos de representantes típicos da política oligarca local na cidade de Palmeira.

Em seu discurso, o Secretário Estadual de Educação Átila Lira destacou o avanço educacional da educação no Estado do Piauí, durante o governo Wilson Martins, e citou que aquele pré-

dio onde acontecia a solenidade é uma construção antiga, que inicialmente recebeu o nome de Escola Rio Grande do Norte, passando depois a ser denominada Escola Sebastião Soares Ribeiro, mais conhecido na cidade por “Sessão Ribeiro”.

Logo a seguir o Deputado Federal Hugo Napoleão fez uso da palavra, elogiou Wilson Martins e o parabenizou o Piauí pelo brilhante governador que tem. Fez referência às palavras de Átila Lira no tocante a aquele prédio histórico, citando que o mesmo é proveniente de intercâmbio entre Brasil e Estados Unidos da América através do projeto ALIANÇA PARA O PROGRESSO quando John Kennedy era o presidente dos EUA. Em seu discurso, Heráclito Fortes reforçou dizendo que aquele prédio foi construído através a Aliança Para o Progresso, numa época que o Brasil era carente de tudo<sup>22</sup>.

Neste trecho observamos atores políticos de caráter conservador, como Hugo Napoleão que foi governador pelo PDS, Átila Lira que foi do PFL, juntamente com Heráclito Fortes. Este foi um dos líderes da bancada conservadora na Câmara de Deputados e no Senado no governo Fernando Henrique Cardoso. Em seus discursos vemos o projeto Aliança para o Progresso como um algo de grande vulto na educação do Piauí. O contra ponto disso é o impacto nos aspectos cotidianos vividos pelos alunos na época em que foi implantado o projeto. Podemos destacar a entrevista dada pela professora universitária Maria de Jesus Marques Silva, também conhecida como professora Dude<sup>23</sup>. Que foi aluna

do grupo escolar Epaminodas Castelo Branco, na cidade de Parnaíba. Em seu depoimento observamos a influência do projeto na merenda escolar. Abaixo tem um trecho do depoimento da professora Dude.

*Caixas enormes da merenda (...) era um leite ninho. Um leite em pó muito forte e mingau a base de milho, e tinha um outro feito de um material tipo uma aveia que a gente chamava na época de googol. Era um mingau (...) Os professores chamavam de googol. Esse mingau era feito tipo uma aveia era um arroz tipo integral, e feito base de leite desse leite doce. O pessoal apelidava de Pau de índio (...) Mingau doce. E tinha nas caixas, nas embalagens na sala (...) da merenda (...) caixas enormes com o Letreiro todo em inglês, que a gente não conseguíamos ler, a única coisa que conseguíamos ler (...) era isso porque tinha uma imagem de duas mãos abraçando pegando uma mão na outra na logomarca e tinha o nome aliança para o progresso. E o restante do letreiro da caixa era tudo em inglês e a gente não conseguia ler.*

*Se fosse hoje a gente diria que ele estava com a validade vencida. Que ele era todo umas pedras de leite. Parece que tinha passado muito tempo (...) em um lugar úmido (...) Elas tinha que pisar no pilão aquele leite para ele se transformar em leite pó novamente.*

A professora Maria de Jesus Marques é caso típico de pessoa oriunda das classes populares que ascendeu pelo estudo dentro da sociedade burguesa. Sua linguagem coloquial guarda muito de sua origem proletária que dá “tom e volume e o ritmo do discurso popular (...) implícitos significados e conotações sociais irreproduzíveis na escrita” (PORTELLI, 1997, p. 27).

<sup>22</sup> Governador inaugura matadouro e entrega bicicletas em palmeirais. Acessado no dia 20/11/2014.

<sup>23</sup> Graduada em pedagogia pela UESPI, com especialização em ensino e aprendizagem com mes-

trado em movimentos sociais em educação pela UFPI.

A Aliança para o Progresso havia se mostrado um verdadeiro fracasso, pois seus projetos nunca conseguiram se desprender da moldura ideológica imposta pela Guerra Fria. Aquilo que deveria ser uma “revolução pacífica” que promovesse reformas estruturais, acabou se convertendo em iniciativas de curto prazo pautadas pelo medo do comunismo e concebidas como “obras de impacto”.<sup>24</sup> Observou-se isso nos pensamentos de Celso Furtado que foi presidente da SUDENE e ministro do Planejamento do governo João Goulart. Para ele “o objetivo principal era causar impacto na opinião pública. Todos os projetos deveriam ter, bem visível, a marca ‘Aliança para o Progresso’” (FICO, 2014, p.28).

O anticomunismo já existia no Piauí, numa época em que conjuntura mundial estava moldada pela Guerra Fria. Tendo seu ápice no processo da Revolução Cubana e a Crise dos Mísseis em Cuba. Fazendo que mais uma vez os EUA voltaram-se seus olhos e suas garras para seus vizinhos latinos. Com destaque ao projeto elaborado na administração Kennedy. E conforme Carlos Fico esta fase é delimitada entre o lançamento da Aliança para o Progresso (JFK) e o fim governo Johnson (1961-1968). Foi o período no qual a região latino-americana mais recebeu as atenções e preocupou os Estados Unidos.

A Aliança para o Progresso foi uma proposta de política externa americana, para a América Latina, a partir da perspectiva da Teoria da Modernização, do liberalismo internacionalista. Entretanto, entrou em contradição com o descontentamento latino-americano, impulsionado por forças nacionalistas. E foi um erro grasso fazer uma mesma

análise do desenvolvimento dos países capitalistas ocidentais industrializados e levar a mesma receita para os países latinos americanos. Todavia, quando a estruturas conservadoras brasileiras tomaram o poder em 1964, houve um total alinhamento político, econômico e ideológico com Washington. E no Piauí houve um período caça as bruxas, estreitando os laços com a nova ordem vigente. Colocando o estado na linha de frente da Guerra Fria, como sendo um posto avançado no combate a Teoria do Foco<sup>25</sup>.

Pois houve construções de diversas escolas espalhadas pelo interior do Piauí, lembrando que o estado piauiense daquele período tinha um sexto da sua população morando no campo. E suas oligarquias seculares de origem agrária já estavam morando nas cidades. E reproduzindo um discurso de classe dominante e ao mesmo tempo urbano sobre as demais camadas da população tanto urbana como rural. Discurso este, segundo Marylu de Oliveira (2007 – 2008) predominava o anticomunismo que se propagava pelos veículos de comunicação da época: o rádio e jornal.

Com o estabelecimento da ditadura civil-militar (1964 – 1985) houve uma maior penetração da USAID no ministério da Educação e Cultura, firmando os acordos MEC/USAID. Onde o então governador Helvídio Nunes ficou beneficiado pelos investimentos na estrutura física na Secretaria de Educação e Cultura (SEEC). Com a construção de 168 salas de aulas para o ensino primário e 100 salas para o ensino médio nos anos de 1966/1967, estes dados estão de acordo com a Revista da Secretaria de Educação e Cultura de 1969. Nesta con-

<sup>24</sup> Stephen G. Rabe, op. cit., p. 197. Retirado do livro *O golpe 1964* de Carlos Fico, p. 40.

<sup>25</sup> KELLY, 2013. 1967 o filósofo político francês Régis Debray formaliza a tática de guerra de guerrilha e a chama de “focalismo”. p. 312.

juntura chegamos até a Comissão do Livro Técnico e Didático (COLTED), que foi uma consequência dos acordos firmados entre os governos brasileiro e dos Estados Unidos da América para a produção e distribuição dos livros didáticos utilizados nas escolas públicas no Brasil nos governos Castelo Branco, Costa e Silva e Médici. Isto é, a dominação ideológica chegando ao nível da matriz curricular de ensino e reproduzida através do livro didático.

Este trabalho procurou focar nos aspectos educacionais, do programa Aliança para o Progresso/USAID, devido ao fato do próprio ineditismo dele na região. E o estudo da Aliança para o Progresso é um campo vasto, com suas diversas variações que envolvem aspectos econômicas e culturais, sob a influência da hegemonia dos EUA sobre os demais países americanos.

#### Relatório de Fontes:

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (Brasil). **O Livro didático : sua organização em classe**. Rio de Janeiro: Artes Gráficas Gomes e Souza S.A., 1969. 240p

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA (Piauí). **Revista da Secretaria de Educação e Cultura do governo Helvídio Nunes**. Teresina, 1969. 26p

O BRASIL DE DARCY RIBEIRO, OS IDOS DE MARÇO. Ana Maria Magalhães. Diogo Dahl. Elenco: Darcy Ribeiro, Fernando Henrique Cardoso, Leonel Brizola, Plínio de Arruda Sampaio. Documentário, Histórico, 240 minutos, 2014. Brasil

SILVA, Videlina Maria Monteiro da. **Entrevista concedida a José Francisco Beserra Nunes**.

SILVA, Maria de Jesus Marques. **Entrevista concedida a José Francisco Beserra Nunes**.

**Governador inaugura matadouro e entrega bicicletas em palmeirais**. <<https://goo.gl/kOM8uP>>. Acessado em 20/11/2014

**Angicos: As 40 horas que mudaram vidas**. <<https://goo.gl/Y7VIwu>> Acessado 06 de janeiro de 2015.

Educação Política. **A obra contemporânea de Marcello Nitsche**. <<https://goo.gl/e6RP3t>>. Acessado em 20/12/2015.

**Escavador.com**. Ricardo Allagio Ribeiro. <<https://goo.gl/Vgmdkc>>. Acessado em 25/12/2015.

#### Referências Bibliográficas:

ALVES, Márcio Moreira. **Beabá dos MEC-USAID**. Rio de Janeiro: Gernasa, 1968

AQUINO, Rubin Santos Leão de; LEMOS, Nivaldo Jesus Freitas de; LOPES, Oscar Guilherme Pahl Campos. **História das sociedades americanas**. 13 ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2010. 764p

BARBOSA, Elaine Senise; MAGNOLI, Demétrio. **Liberdade versus igualdade – vol I. O mundo em desordem. (1914 – 1945)**. Rio de Janeiro: Record, 2011. 457 p

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História. Volume I. Conteúdo e conceitos fundamentais**. Petrópolis: Vozes, 2011. 319 p

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História. Volume II. Os primeiros paradigmas: positivismo e historicismo**. Petrópolis: Vozes, 2011. 245p

- BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História. Volume III. Os paradigmas revolucionários**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. 327p
- BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História. Volume IV. Acordes historiográficos: uma nova proposta para teoria da história**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. 443 p
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO Gianfranco. **Dicionário de Política Vol. I**. 11. Ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983
- CAVALCANTE, Idelmar Gomes Júnior. **1968 em disputa: o ano que inventou o movimento estudantil brasileiro**. Parnaíba: SIEART, 2013. 148p
- CHAGAS, Carlos. **A ditadura militar e os golpes dentro do golpe**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014. 490 p
- CHOMSKY, Noam. **O que o Tio Sam realmente quer**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999. 151p
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge. **O Brasil republicano. O tempo do liberalismo excludente – da proclamação da República à Revolução de 1930**. ed. 7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. 446 p
- DIAS, Luiz Antônio. A salvação do pátria. Para os jornais paulistanos, o golpe militar foi em defesa da lei e da ordem. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, n. 83, p. 28-30, agosto 2012
- ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **Manifesto do Partido Comunista**. 2 ed. São Paulo: Editora Martin Claret, 2011. 144p
- FERREIRA, Jorge; GOMES, Ângela de Castro. **1964: O golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. 406 p
- FERREIRA, Jorge. **João Goulart: uma biografia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. 713 p
- FERREIRA, Jorge. Não à guerra civil. Sem resistir ao golpe João Goulart partiu para o exílio e evitou uma luta sangrenta entre reformistas e golpistas. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, n. 83, p. 22-25, agosto 2012
- FICO, Carlos. **O golpe de 64: momentos decisivos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014. 148p
- FICO, Carlos. **O grande de irmão: da Operação Brother Sam aos anos de chumbo. O governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. 334 p
- FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Aprendendo com a própria história**. São Paulo: Paz e Terra, 2010. 261p
- GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada**. 2 ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. 431p
- GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada**. 2 ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. 526 p
- GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo. **O Brasil Imperial – Volume I: 1808-1831**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. 431
- GWERCIMANN, Sérgio. Primeiro de abril. Como um movimento de militares, sem comando único ou propósito definido, conspirou contra a democracia e, em menos de 24 horas, derrubou o presidente do Brasil. **Aventuras na História**. São Paulo, n. 8, 50-57, abril 2004

- HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos : o breve século XX : 1914 -1991**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 598p
- KELLY, Paul; (et al). **O livro da política**. 1. ed. São Paulo: Globo, 2013. 352p
- KISHTAINY, Niall; (et al). **O livro da economia**. São Paulo: Globo, 2013. 352p
- KRAFZIK, Maria Luiza de Alcântara. **Acordo MEC/USAID – A Comissão do livro técnico e livro didático – COLTED (1966 -1971)**. Rio de Janeiro: UERJ – Programa de Pós-Graduação em Educação, 2006
- MARTINS, João Roberto Filho. O 1º da abril. Um presidente deposto e outro conduzido ao poder homens armados marcam o início da Revolução ‘Democrática’ de 1964. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, n. 83, p. 18-21, agosto 2012
- MENDES, Francisco Iweltman Vasconcelos. **História da educação piauiense**. Sobral : EGUS, 2012. 318p
- MAUD, Ana Maria. O olhar engajado: fotografia contemporânea e as dimensões políticas da cultura visual, **Art Cultura**, Uberlândia, v.10, n. 16, p. 33-50, janeiro – junho. 2008
- NASCIMENTO, Thiago Rodrigues; SANTOS, Beatriz Marques dos. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, n. 89, 80 – 83, fevereiro 2013
- NATUSCH, Igor. Saudada pela Igreja, a ditadura tomou o poder no Brasil. Mas Bispos e frades ajudaram a sociedade civil a reencontrar o caminho da democracia. **Aventuras na História**. São Paulo, n. 127, p. 28-37, fevereiro 2014
- NUNES, José Francisco Beserra. **Aliança para o Progresso/USAID/COLTED: do Salão Oval para o Cocal (1958 – 1969)**. Parnaíba: UESPI, 2016.
- OLIVEIRA, Marylu. **A cruzada anti-vermelha – democracia, deus e terra contra a força comunista: representações, aparições e práticas anticomunistas no Piauí da década de 1960**. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2008. 258p
- OLIVEIRA, Marylu. **Contra e foice e o martelo: considerações sobre o discurso anticomunista piauiense no período de 1959-1969: uma análise a partir do jornal “O Dia”**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2007. 118p
- PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. Ainda o silêncio. Quase 50 anos após o golpe, o tema continua sendo encarado com reservas na sala de aula. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, n. 83, p. 36-39, agosto 2012
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a historia oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, p. 25 - 39, fevereiro 1997
- PRIORE, del Mary; VENANCIO, Renato. **Uma breve história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010. 319 p
- QUADRAT, Samantha Viz; ROLLEMBERG, Denise (Org.). **A construção social dos regimes autoritários: Brasil e América Latina, volume II**. Tradução de Maria Alzira Brum Lemos, Sílvia de Sousa Costa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. 642 p
- REIS, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedades**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000. 82 p



REIS, Daniel Aarão. O sol sem peneira. O apoio da sociedade civil foi fundamental para a longa vida da ditadura militar no Brasil. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, n. 83, p. 31-35, agosto 2012

RIBEIRO, Ricardo Allagio. **Aliança para o Progresso e as relações Brasil-Estados Unidos**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2006. 284 p

SCHOULTZ, Lars. **Estados Unidos: poder e submissão uma história da política norte-americana em relação à América Latina**. Bauru, SP: EDUSC, 2000. 502 p

SILVA, Bizuka Corrêa da et al. 50 anos depois. **Veja**. São Paulo, n. 2366. 54-105, março 2014

TAVARES, Flávio. **1964: o golpe**. 1. ed. Porto alegre: L&PM, 2014. 315p

TAVARES, Flávio. **1961: O golpe derrotado. Luzes e sombras do Movimento da Legalidade**. 3. ed. Porto Alegre: L&PM, 2013. 240 p

TADEU, Tomaz. **Documentos de identidade : uma introdução às teorias do currículo**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. 156p

THOMAS, Jennifer Ann. Os EUA derubaram o presidente do Brasil?. **Super Interessante**. São Paulo, n. 330, 34-43, março 2014

TOTA, Antonio Pedro. **1942 – O imperialismo sedutor : a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 235 p

## ANEXO:



Foto 01 – Placa de inauguração do prédio da escola José Basson, construída com recursos da Aliança para o Progresso na cidade de Cocal-PI. Foto do arquivo pessoal de José Francisco Beserra Nunes<sup>26</sup> (2014).



Foto 02 - Símbolo da Aliança para o Progresso<sup>27</sup>. Foto retirado do site educaopolitica.com.br

<sup>26</sup> Foto 01 - arquivo pessoal de José Francisco Beserra Nunes.

<sup>27</sup> Foto 02 - Retirado do site “Educação Política”. Acesso em 20/12/2015